Cuba ontem e hoje:
da revolução ao risco de restauração

Reagrupamento Revolucionário
Livreto - Segundo semestre de 2023

CUBA HOJE:

OS RISCOS DE UMA CONTRARREVOLUÇÃO BURGUESA E AS TAREFAS DO TROTSKISMO

*Por Marcio T. Texto da fala apresentada em nome do RR na Mesa de Abertura do **II Encontro Internacional Leon Trótski** (São Paulo), em 21 de agosto de 2023.*

O que é Cuba hoje? O conceito de Estado proletário burocratizado

A revolução social iniciada em 1959 levou à destruição do Estado burguês e à expropriação econômica da burguesia nativa e do imperialismo em Cuba. Esse processo não teve um programa originalmente socialista. Sob a liderança do **Movimento 26 de Julho (M26J)** e de outros grupos, como o partido stalinista cubano **(Partido Socialista Popular, PSP)**, o foco estava na realização de tarefas **nacional-democráticas**: assegurar soberania nacional frente à ingerência dos EUA, conquistar uma reforma agrária em benefício dos camponeses pobres e retomar a experiência de república democrática que havia antes da ditadura de Fulgencio Batista (uma das demandas do M26J era reestabelecer a Constituição de 1940).

Porém, a realização plena dessas tarefas, sobretudo a reforma agrária, só podia se dar **contra a burguesia e o imperialismo**, pois estas classes estavam completamente entrelaçadas entre si e também com as **oligarquias fundiárias**. As massas de **trabalhadores rurais e de camponeses pobres** empurraram nesse sentido, ao expropriarem terras de grandes latifundiários nativos e estrangeiros, inclusive tomando grandes empresas rurais, como refinarias de açúcar. Nas **cidades**, muitos trabalhadores também empurraram o processo para uma via anticapitalista, ao exigirem a expropriação sob controle operário de algumas empresas, declarando-se em greve permanente ou mesmo ocupando as instalações, especialmente de empresas que pertenciam a pessoas ligadas a ditadura ou que a apoiaram. **[1]**

Ao mesmo tempo em que as massas exploradas se mobilizaram para além do programa limitado do M26J e do PSP, a contrarrevolução não deixou escolha a essas lideranças, quando o governo dos EUA se recusou em reconhecer o novo governo e, em aliança a setores da burguesia nativa, realizou operações para derrubá-lo. Ao M26J/PSP não restou alternativa que não fosse a expropriação dos capitalistas, com apoio das massas: era isso ou serem destruídos por uma contrarrevolução sangrenta.

A **expropriação** dos meios de produção e a socialização do sobreproduto na forma de investimentos em salários, moradia, saúde, educação etc. permitiu enormes ganhos sociais para o proletariado cubano. Como disse certa vez um jornalista reacionário, “nada funciona em Cuba, exceto a educação, a saúde e a segurança”! Porém o alinhamento do governo cubano à burocracia soviética, a sabotagem de oportunidades revolucionárias pelos PCs a ela alinhados, junto com o fracasso da via guerrilheira da OLAS (que setores do M26J impulsionaram nos primeiros anos da revolução), deixaram Cuba **isolada nacionalmente**. Ademais, o **autoritarismo militarista do M26J**, combinado ao **regime interno stalinista do PSP** – que se fundiram para formar o **PC cubano** – levaram à construção de um regime de ditadura burocrática (**stalinismo**).

Isso é o que nós trotskistas chamamos de **Estado proletário burocratizado**: uma sociedade de transição entre o capitalismo e o socialismo, cuja transição se encontra bloqueada pelo isolamento internacional e pelo regime de ditadura da burocracia do PC (stalinismo). Essa sociedade combina elementos do antigo (capitalismo) e do novo (socialismo) de formas contraditórias e tem a possibilidade de avançar para o socialismo ou de retroceder ao capitalismo.

Cuba ainda hoje é um Estado proletário: a burguesia não retomou o controle do aparato estatal; as áreas chave da economia (sistema financei-

Índice

Reagrupamento Revolucionário

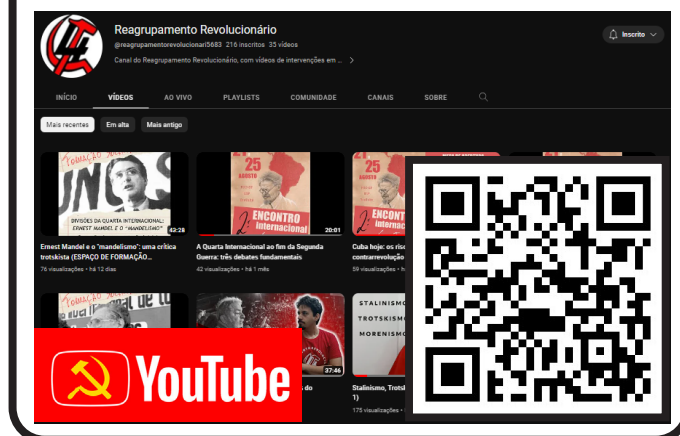
rr4i.org
rr-4i@krutt.org
facebook.com/reagrupamento
@rr_4i
youtube.com/@reagrupamentorevolucionari5683

ro, principais indústrias) seguem sob controle estatal; a maior parte dos recursos é alocada através de um planejamento (ainda que burocrático) e não do mercado; a maior parte do sobreproduto é destinado às condições de vida do proletariado e não à apropriação privada via lucro. **Porém um Estado proletário burocratizado:** o PC segue exercendo o monopólio do poder político; não há outros partidos permitidos; legalizar organizações de cunho político-social é altamente burocrático; há formas diversas de censura; e o PC controla os candidatos a eleições através de filtros, tendo a palavra final sobre quem entra ou não nas listas eleitorais.

Sem dúvidas, muitos dos problemas de Cuba advém do isolamento nacional, que tem sua pior face no **bloqueio** imposto pelos EUA, que visa estrangular a revolução impondo escassez de recursos e por isso tem que ser denunciado e combatido por todos os progressistas e socialistas. Sem uma **revolução nos centros imperialistas** que ponha fim ao bloqueio e venha ao auxílio de Cuba, as conquistas de revolução não sobreviverão e não será possível a transição ao socialismo.

Mas o isolamento também é perpetuado pelo **conservadorismo da burocracia**, que sabotou oportunidades que poderiam ter tirado Cuba do isolamento e, assim, amenizado suas consequências sobre as condições de vida e a economia da ilha. Diante de oportunidades como no **Chile**, **Nicarágua** e **Angola**, a burocracia cubana fez o que estava ao seu alcance para que esses processos revolucionários não levassem à expropriação da burguesia. Dessa forma, a burocracia cubana agiu tal qual a burocracia soviética: sabotando oportunidades revolucionárias, por medo de um possível envolvimento em novos triunfos atraísse ainda mais a ira do imperialismo e também por medo de que esses triunfos pudessem mostrar exemplos de democracia proletária que levassem a derrubada dessa burocracia pelos "seus" trabalhadores. **[2]** Basta vermos que a burocracia cubana sempre esteve mais preocupada em apoiar governos burgueses ditos "progressistas" (Venezuela, Brasil) em troca de **acordos comerciais** do que com o triunfo de outras revoluções. Seu foco nunca foi o socialismo, mas sim manter seus **privilégios** e **poder**.

O regime de ditadura da burocracia também é fonte constante de problemas, pois a propriedade socializada só pode ser gerida de forma eficaz através de um **planejamento democrático**, que envolva a autogestão dos meios de produção. O planejamento burocratizado (sem participação ativa dos trabalhadores) não contempla as reais necessidades sociais e gera constantes **desperdícios** e **desequilíbrios**, em prol de manter o **privilégio material** de uma casta de altos funcionários. Por isso, remover a burocracia através de uma **revolução política** que

Escaneie esse QR code para acessar nosso canal no YouTube e assistir a um vídeo com o conteúdo desse artigo:

estabeleça uma democracia proletária como aquela dos *soviets* de 1917 também é uma tarefa fundamental para proteger os ganhos da revolução e garantir que Cuba rume ao socialismo.

Ambas tarefas, a **revolução mundial** e a **revolução política** dentro de Cuba demandam a recriação de um **partido revolucionário internacional** da classe trabalhadora para levar tais processos à vitória. Não é possível contar com uma **autorreforma** democrática da burocracia, nem com **coexistência pacífica** com o imperialismo, como a experiência do século XX demonstrou amargamente. **Revolução ou contrarrevolução são os dois únicos caminhos possíveis.**

Isso deveria ser o "ABC" do trotskismo. Contudo, há décadas as correntes "**morenistas**" alegam que o capitalismo foi restaurado em Cuba, abrindo mão de defenderem os ganhos ainda existentes da revolução e adotando posições de apoio a forças contrarrevolucionárias travestidas de defensoras da democracia, que usam a insatisfação da classe trabalhadora para tentar destruir o Estado proletário burocratizado e reconstruir em seu lugar um Estado sob controle da burguesia. É o caso, por exemplo, do **PSTU e da LIT-QI** e de quase todas suas cisões das últimas décadas. Fora do "morenismo" há alguns outros grupos trotskistas que adotam postura semelhante, em especial os adeptos da pseudoteoria do "Capitalismo de Estado", como os "**cliffistas**" do **SWP inglês** e seus grupos aliados.

Por outro lado, os grupos ligados ao **Secretariado Unificado** em geral adotam uma postura acrítica em relação ao regime de ditadura da burocracia, confundindo a defesa dos ganhos da revolução com a defesa política da própria burocracia – e fazem isso desde o início da revolução cubana, quando não se solidarizaram com os trotskistas cubanos que es-

tavam sendo presos pela burocracia no começo dos anos 1960. Vários outros grupos seguem caminho semelhante, como os stalinistas.

Essas duas posturas, comuns a outros grupos dentro e fora do trotskismo, não contribuem para as tarefas que realmente podem salvaguardar a Revolução Cubana.

Tarea Ordenamineto: as mudanças em curso em Cuba e seus riscos contrarrevolucionários

A pandemia de COVID-19 causou enormes problemas econômicos para Cuba, pois afetou a principal fonte de recursos do país desde os anos 1990, o turismo internacional: seu PIB caiu cerca de 13% entre o início das medidas de restrição de circulação de pessoas, no começo de 2020, e seu relaxamento em fins de 2021. Trata-se do pior momento do país desde o colapso da URSS, com a qual Cuba tinha diversos acordos econômicos fundamentais para obter recursos como petróleo e maquinário industrial. Nesse contexto ganhou força a cúpula do PC cubano setores que já vinham há muito tempo defendendo a adoção de uma suposta "terceira via", o chamado **socialismo de mercado**. É isso que está por trás da ***Tarea Ordenamiento***, pacote de reformas econômicas em curso desde janeiro de 2021.

Em essência, os burocratas buscam na expansão da **propriedade privada** e das **relações de mercado** (inclusive a nível internacional) uma fuga para a **escassez** causada pelo bloqueio / isolamento nacional e para a **ineficiência** causada pela gestão burocrática da propriedade socializada. Mas, diferentemente do que alguns dizem, não se trata de algo como a NEP soviética, que foi um esforço de reconstrução da economia soviética que recorreu ao reestabelecimento parcial da propriedade privada e das relações de mercado, após a devastação da guerra civil de 1918-21. Não tem faltado declarações tipicamente liberais da parte de Diaz-Canel e dos órgãos oficiais de imprensa do regime, enaltecendo a "meritocracia" e condenando o "igualitarismo". O objetivo da *Tarea Ordanamiente* é melhorar as condições da economia cubana (e também da própria burocracia), às custas de aumentar a **desigualdade social** e **deseducar** ainda mais a classe trabalhadora.

As reformas econômicas estão retirando os **subsídios estatais** de vários setores da economia e permitindo a **exploração da mão de obra assalariada** em quantidades crescentes através da criação de **pequenas e médias empresas**, que se tornam "competitivas" graças ao desmonte de partes do setor público. Por exemplo, enquanto os restaurantes populares tiveram cortes drásticos no fornecimento dos alimentos que usavam para preparar as refeições vendidas a preços simbólicos, os estoques dos mercados atacadistas de ondem compram os restaurantes privados aumentaram enormemente.

Para completar o quadro, um setor da burguesia dos EUA e da Europa vê com alegria tais mudanças, pois elas também abrem as portas para mais **investimentos estrangeiros** e, assim, maior reintegração de Cuba ao mercado mundial na condição de uma semicolônia. Desde os anos 1990, grandes hotéis e *resorts* já haviam passado para a propriedade de empresas estrangeiras, sobretudo espanholas. Agora, além da expansão das propriedades estrangeiras em Cuba, as novas empresas privadas cubanas estão recebendo incentivos do governo para negociarem insumos diretamente com fornecedores estrangeiros.

Pode até ser que a economia sofra uma leva melhoria com as medidas de privatização e competição de mercado que vem sendo adotadas, mas milhares de trabalhadores já estão sofrendo com **escassez de alimentos** e **perda do poder de compra** de seus salários. Isso joga água no moinho das **forças contrarrevolucionárias**, que aproveitam a crescente insatisfação para convencer os trabalhadores de que o que fracassou em Cuba foi o socialismo, quando na verdade o que fracassou foi o stalinismo. Uma coisa é tolerar a escassez quando os governantes falam (ainda que hipocritamente) em igualdade e quando se vivenciou a revolução, como na crise dos anos 1990. Outra muito diferente é passar fome quando um setor da sociedade visivelmente melhora de vida às custas do seu sofrimento e você não tem ideia de como era pior para o trabalhador antes da revolução. Assim, com o aumento da desigualdade e o fortalecimento dos contrarrevolucionários, a **instabilidade política** se fará cada vez mais presente na ilha.

Nesse cenário, setores cada vez maiores da própria **burocracia**, com toda certeza, verão mais vantagem em se tornar **proprietários** dos meios de produção, ao invés de seguir sendo meros **gestores**, cujos privilégios dependem da passividade do proletariado e de acordos políticos delicados entre a cúpula governante. Muitos nesse exato momento com certeza já estão se fundindo à camada de **novos proprietários** que as mudanças da *Tarea Ordenamiento* estão gerando, pois são os grandes burocratas os que mais tem recursos para investir no nascente setor privado, a partir da acumulação de riquezas que obtiveram ao longo dos anos através de privilégios e currupção. Assim, não serão poucos os burocratas que buscarão a **restauração** plena do capitalismo e a construção de um novo Estado, burguês.

Não estamos falando aqui de hipóteses distantes. Tudo isso já está acontecendo em Cuba. A *Tarea Ordenamiento* e a desigualdade que ela vem causando está na base dos protestos semi-espontâneos de **11 de julho de 2021**, que em parte

tinham teor **progressista** ainda quem sem liderança e programa claros. É também o que está na base das tentativas da **direita contrarrevolucionária** em surfarem na onda de insatisfação realizando protestos abertamente reacionários, como os de **15 de novembro** do mesmo ano. **A contrarrevolução espreita Cuba! [3]**

Os desafios e as tarefas colocadas para a sobrevivência da Revolução Cubana

Diante desse cenário, vemos o risco de se repetir a tragédia que marcou o **Leste Europeu** nos anos 1980 e precisamos lembrar: o triunfo da contrarrevolução burguesa na União Soviética e no Leste Europeu gerou uma catástrofe social, com enormes índices de desemprego, rebaixamento brutal do poder de compra dos salários, generalização da fome, queda da expectativa de vida, aumento dos suicídios etc. Tragédia essa que foi fruto de uma contrarrevolução capitaneada por **setores da própria burocracia**, que desejavam se tornar burgueses, com apoio não só das potências imperialistas, mas também de **forças contrarrevolucionárias neoliberais com certo apoio de massas**, massas essas convencidas de que socialismo só poderia significar stalinismo.

Durante os eventos convulsivos no Leste Europeu nos anos 1980, os principais grupos que reivindicavam o trotskismo **falharam miseravelmente**. Quase todos se alinharam aos protestos de massa que tinham lideranças e programa **neoliberais**, os quais usavam a bandeira da "democracia" e a experiência negativa do stalinismo para jogar os trabalhadores no lado da contrarrevolução. **"Mandelistas" (Secretariado Unificado)**, **"morenistas" (LIT-QI)** e **"lambertistas"** (**CIR-QI**), dentre outros, acreditavam que estava em curso uma revolução política e chegaram a **comemorar** a destruição dos Estados proletários burocratizados no Leste Europeu como um triunfo do socialismo. **"Mandelistas"**, ademais, ainda passaram todo um período encantados com as promessas de **reformas** desde cima feitas por Gorbachev e seus aliados, acreditando ser possível a própria burocracia dissolver sua ditadura e criar uma democracia proletária "sob pressão das massas". **[4]**

Sem terem feito o devido balanço dessas posições vergonhosas, os herdeiros de tais tradições revisionistas hoje cometem erros parecidos frente a Cuba, ao **saudarem protestos cuja liderança é abertamente contrarrevolucionária**, como aqueles de 15 de novembro – seja porque acreditam que Cuba é uma "ditadura capitalista", como os "morenistas", seja porque já faz muito tempo que adotaram como método se alinhar a toda e qualquer mobilização "popular", acreditando que o caráter de suas bases falará mais alto do que o caráter de suas lideranças e programa e que terão inevitavelmente teor progressista, como os grupos associados à diáspora do "mandelismo" e outros agrupamentos.

Acreditamos que a única saída para Cuba é a reconstrução de um **partido internacional revolucionário da classe trabalhadora**, que em Cuba dirija a insatisfação popular contra o regime da burocracia rumo a uma luta pelo verdadeiro socialismo, apoiado em uma luta internacional contra o **bloqueio imperialista** e pela **revolução mundial**. É necessário **rechaçar** com clareza todo e qualquer movimento contrarrevolucionário em Cuba, inclusive apoiando a **repressão** a tentativas subversivas por parte dos inimigos da classe trabalhadora. Mas também é fundamental, para impedir um desastre capitaneado pela própria burocracia, impulsionar as tarefas associadas à **revolução política antiburocrática**: lutar pela legalidade aos partidos e grupos que defendem o socialismo; pelo retorno imediato dos subsídios que garantam condições de vida minimamente decentes aos trabalhadores; pelo fim dos privilégios dos burocratas; pela suspensão da *Tarea Ordenamiento* e seu perigoso incentivo ao setor privado. Por fim, é fundamental lutar para que seja o proletariado que tenha o controle da economia e da política, através de órgãos de democracia proletária, removendo a burocracia do poder e salvando a Revolução Cubana de ter o mesmo destino que a URSS.

Vida longa à revolução cubana! Abaixo à Tarea Ordenamiento! Por uma revolução mundial contra o imperialismo e uma revolução política contra a burocracia cubana! Viva o (verdadeiro) socialismo!

☭

NOTAS

[1] Recomendamos a leitura do texto *O papel da classe trabalhadora na revolução cubana*, de fevereiro de 2021, na p. 17 (https://rr4i.noblogs.org/2021/02/09/o-papel-da-classe-trabalhadora-na-revolucao-cubana/).

[2] Recomendamos a leitura destes textos (em espanhol) escritos à época pela então revolucionária Spartacist League dos EUA: https://rr4i.noblogs.org/2011/02/20/cuba-exporta-la-traicion-estalinista/ e https://rr4i.noblogs.org/2011/06/20/nicaragua-una-nueva-cuba/.

[3] Recomendamos a leitura do texto *As manifestações em Cuba e os diversos riscos de uma restauração capitalista*, de julho de 2021, na p. 07 (https://rr4i.noblogs.org/2021/07/15/as-manifestacoes-em-cuba-e-os-diversos-riscos-de-uma-restauracao-capitalista/).

[4] Recomendamos a leitura do texto *Stalinismo, revolução política e contrarrevolução: o movimento trotskista internacional e a teoria do Estado operário burocratizado aplicada ao bloco soviético (1953-91)*, postado em nosso site em agosto de 2023 (https://rr4i.noblogs.org/2023/09/21/stalinismo-revolucao-politica-e-contrarrevolucao-o-movimento-trotskista-internacional-e-a-teoria-do-estado-operario-burocratizado-aplicada-ao-bloco-sovietico-1953-91/).

AS MANIFESTAÇÕES EM CUBA E OS DIVERSOS RISCOS DE UMA RESTAURAÇÃO CAPITALISTA

Por Marcio T., 15/07/2021

No último dia 11 de julho ocorreram manifestações em várias cidades cubanas, de teor crítico ao governo. Elas chamaram atenção não tanto pelo volume de pessoas mobilizadas, mas por terem se espalhado rapidamente por cerca de 20 cidades, incluindo Havana. A mídia burguesa internacional as comemorou com visível entusiasmo e políticos dos EUA e de outros países já clamam por uma intervenção militar estrangeira que derrube o governo cubano, demagogicamente falando em, com isso, "ajudar" o povo cubano. Setores da esquerda socialista, por sua vez, se dividiram entre um apoio acrítico ao regime cubano, denunciando as manifestações como uma operação contrarrevolucionária dirigida pela CIA, clamando por repressão da parte do governo, e uma euforia igualmente acrítica, encarando que, por terem algumas demandas justas e caráter popular, elas seriam, necessariamente, progressistas e levariam a resultados positivos. Como as manifestações provavelmente vão se repetir em breve, é fundamental uma compreensão da situação de Cuba, para além de posicionamentos automáticos e rasteiros.

Ajudar o povo cubano começa por acabar com o bloqueio

É óbvio para qualquer um que esteja disposto a enxergar que o bloqueio internacional a Cuba, imposto pelos EUA, é a raiz da maior parte dos seus problemas. Isso também é óbvio para muitos cubanos, que sentem na pele a escassez de alimentos, medicamentos, energia elétrica e tantos outros itens básicos, que o país é impedido de comprar, mesmo tendo recursos (ainda que limitados) para tal.

O bloqueio se tornou mil vezes pior após a dissolução da URSS, de quem Cuba dependia enormemente para obter matérias-primas, maquinários e produtos industrializados. Os anos 1990 foram marcados por um enorme desmonte da indústria cubana, impedida de operar pela falta de energia e insumos, gerando grande escassez e penúria para a população. Foi só nos anos 2000 que a situação da ilha melhorou um pouco, com uma recuperação parcial através do incentivo ao turismo, da abertura para operação de algumas empresas estrangeiras na área hoteleira e varejista e do apoio venezuelano, com venda de petróleo a preços baixos.

Durante os anos Obama, os EUA apostaram em uma reaproximação diplomática e afrouxaram alguns aspectos do bloqueio para permitir investimento estadunidense na ilha – um projeto gradual de restauração do capitalismo, conquistando terreno de pouco em pouco e disputando ideologicamente a população para ilusões pró-capitalistas.

Isso mudou com a gestão Trump, que retomou e intensificou a política de estrangulamento econômico de Cuba, se alinhando mais estreitamente à antiga burguesia cubana refugiada em Miami, desejosa de recuperar suas propriedades e investimentos perdidos. Com a pandemia, a economia cubana ficou ainda mais prejudicada, pois perdeu boa parte do turismo, que era sua principal fonte de moeda estrangeira. Assim, nos últimos anos, a ilha voltou a enfrentar grande escassez de itens básicos, apagões de energia e desativação de empresas, o que afetou gravemente o nível de vida da população.

Portanto, qualquer posição minimamente progressista em relação a Cuba deve, necessariamente, começar pela condenação do bloqueio e pela oposição a qualquer tentativa de intervenção ou ingerência dos EUA na ilha. É inadmissível a violação da soberania cubana por potências imperialistas, interessadas em tornar novamente a ilha em uma semicolônia, para drenar seus recursos naturais e explorar seus trabalhadores!

Mas o bloqueio não é o único problema: não há socialismo em uma só ilha e sem democracia proletária

Mas quem para aí deixa de lado um outro grande problema, que é a existência de uma burocracia parasitária que controla a política e a economia do país, censurando e reprimindo vozes dissidentes para manter seus privilégios. A burguesia e o imperialismo foram expropriados pela Revolução Cubana. Mas não foi erguido, no lugar do Estado burguês destruído um regime de democracia proletária, baseado em assembleias e conselhos proletários e camponeses, como nos primeiros anos da Revolução Soviética. Ao invés disso, os comandantes do Exército Rebelde castrista e a burocracia sindical stalinista se apoderaram do poder político, inclusive fazendo expurgos em suas próprias fileiras, contra setores mais alinhados à radicalidade das bases. Também reprimiram aqueles que defendiam um regime de democracia proletária, como trotskistas e anarquistas, apesar de seu engajamento no processo revolucionário. Com isso, surgiu um Estado operário burocratizado, que combina a manutenção das conquistas sociais da revolução com uma gestão ditatorial da propriedade social por parte dessa burocracia.

Para mais detalhes sobre o processo da Revolução Cubana, recomendamos a leitura do texto na p. 17, *O papel da classe trabalhadora na Revolução Cubana*.

Essa gestão burocrática envolve a proibição (ou, o que dá no mesmo, um inferno burocrático para obter sua legalização) da formação de organizações políticas independentes do Partido Comunista, mesmo quando defensoras da revolução e do socialismo. Envolve, também, a repressão a mobilizações independentes, inclusive com o uso de violência policial – como costumeiramente se vê em passeatas em prol de direitos LGBT, mesmo que elas não tenham nenhuma pauta contra a revolução e o socialismo. Envolve, ainda, o controle verticalizado e autoritário da propriedade social, o que impede sua devida gestão, que deve ser necessariamente democrática (feita pelos próprios trabalhadores) – caso contrário, predominam desperdícios, gargalos e corrupção, pela falta de articulação horizontal entre as empresas e noção real das necessidades da população.

Temerosa de perder seu poder e os privilégios materiais que obtém através dele, essa burocracia contribuiu para a manutenção do isolamento cubano ao não ter apostado na via do internacionalismo revolucionário. Mesmo no breve período da OLAS, em que o regime buscou expandir e apoiar movimentos de guerrilhas, o programa político era limitado à soberania nacional, sem ruptura com as burguesias latino-americanas. Nos anos 1970, diante de possibilidades muito reais de novas revoluções sociais na América Latina, como no Chile e Nicarágua, a burocracia cubana atuou no sentido de aconselhar pela não ruptura com o capitalismo. Sua estratégia, portanto, era de uma América Latina soberana, porém capitalista, com governos “progressistas” aliados a Cuba – uma utopia, pois não há soberania para os países periféricos sem revolução socialista nos centros imperialistas).

O regime cubano sem dúvidas tem uma forte tradição de solidariedade internacional, inclusive em processos de aguda luta de classes, como na libertação nacional de Angola. Mas solidariedade internacionalista não é a mesma coisa que internacionalismo revolucionário, o que todo apologista de esquerda do regime cubano (e da antiga URSS) faz questão de ignorar. Isolada nacionalmente, ou apenas contando com favores de alguns governos burgueses amigos (que, como todo governo burguês, só “ajuda” em troca de algo), a Revolução Cubana

simplesmente não pode sobreviver.

Essa impossibilidade do "socialismo em um só país" tem levado a burocracia cubana a abrir cada vez mais a economia do país a investimentos estrangeiros, relações de mercado e expansão da propriedade privada. É disso que se trata a "Tarea Ordenamiento" de Raúl Castro e Miguel Diaz-Canel. Com isso, a burocracia consegue captar alguns recursos para dar uma sobrevida à experiência cubana. Mas o preço disso é uma crescente desigualdade social e desmonte das conquistas sociais da revolução, na forma de fim ou redução drástica de subsídios a empresas estatais e a famílias trabalhadoras. Isso também leva ao fortalecimento de setores proprietários interessados numa restauração plena das relações capitalistas e na reconstrução de um Estado controlado pela burguesia. O próprio regime tem usado seus meios de informação oficiais, como jornais e canais de televisão, para atacar abertamente o ideal igualitarista da Revolução Cubana e defender maior abertura às relações de mercado e propriedade privada.

Esse projeto de "reformas" é uma bomba-relógio, cujo resultado vimos no Leste Europeu e na URSS ao fim do século passado. Setores da própria burocracia, desejosos de se converterem em burguesia e, com isso, assegurarem maior estabilidade material e mesmo elevação de seus padrões de vida, se engajaram em uma contrarrevolução junto a aos novos proprietários surgidos das suas próprias "reformas" econômicas e a forças pró-imperialistas. Contaram, ainda, com apoio de setores de massas que rejeitavam o socialismo, após décadas sendo deseducadas de que a ditadura stalinista, com seus problemas econômicos e falta de liberdades, era sinônimo de socialismo. Setores esses que foram iludidos de que uma restauração capitalista melhoraria suas condições de vida, deterioradas pelo prolongado isolamento internacional, pela gestão burocrática da propriedade social, e pelas reformas de austeridade da burocracia, e que traria democracia.

Em breve pretendemos escrever um texto mais detalhado sobre as "reformas" econômicas em curso em Cuba, mas recomendamos a *live* realizada em fevereiro para maiores informações (escaneie o QR code na p. 12 ou acesse https://www.youtube.com/watch?v=zrRTkKWbhvg).

Em Cuba, a crescente desigualdade social e penúria decorrentes não só do bloqueio, mas também das "reformas" recentes, já está gerando descontentamento popular. Descontentamento esse que se torna ainda maior diante da manutenção dos privilégios da burocracia, que pede sacrifícios à população, mas não faz nenhum por conta própria. Cresce, também, devido à ausência de participação popular nas decisões sobre a profundidade e extensão dos sacrifícios exigidos e das mudanças realizadas – apresentadas pelo regime como a única via possível.

Por isso, apenas o fim do bloqueio não basta para solucionar os problemas de Cuba. Mesmo sem o bloqueio, Cuba não conseguiria caminhar rumo ao socialismo estando isolada internacionalmente. Ao invés disso, o que ocorreria foi o que ocorreu no Leste Europeu e outros Estados operários burocratizados ao longo dos anos 1970 em diante: uma crescente integração ao mercado mundial capitalista, com todas as consequências negativos que isso traz, e com o fortalecimento de tendências e forças políticas restauracionistas dentro do país.

Não há outra solução possível que a expansão internacional da revolução, com a expropriação da burguesia e do imperialismo nos países vizinhos, para que Cuba possa contar com uma genuína solidariedade socialista. Por isso, não há coerência nos socialistas que prestam solidariedade a Cuba, porém, em seus respectivos países, deixam a luta pela revolução para os "dias de festa" e se subordinam politicamente a setores "progressistas" da burguesia e a forças capitalistas "progressistas" – como ocorre hoje no Brasil em relação ao apoio da esquerda socialista a Lula e ao petismo, gerando ilusões na possibilidade um capitalismo que seja bom "para todos".

Ademais, apesar do futuro de Cuba se resolver, sobretudo, na arena internacional, também é fundamental a superação, pelo proletariado cubano, do regime de ditadura da burocracia, que sabota a manutenção das conquistas sociais da revolução,

ao apostar em crescentes concessões às relações capitalistas, na conciliação com governos burgueses e ao rejeitar as ideias igualitaristas do socialismo. Ao fim e ao cabo, essa burocracia joga água no moinho da contrarrevolução, ainda que não esteja, no momento, diretamente engajada em uma restauração do capitalismo. Mas mesmo isso não tardará a acontecer, conforme setores da burocracia percebam que não conseguem mais manter seus privilégios com a crescente desagregação econômica de Cuba, e percebam que terão melhor sorte se conseguirem se converter em proprietários burgueses – tal qual ocorreu no Leste Europeu e na URSS.

Por isso, defender Cuba de forma incondicional contra uma intervenção imperialista, ou tentativas de ingerência estrangeira, e defender de forma incondicional as conquistas da Revolução Cubana contra tentativas de restauração capitalista, não pode se confundir com um alinhamento político com a burocracia cubana. Pois essa burocracia é parte do problema, contribuindo para seu prolongamento e agravamento. Os trabalhadores cubanos precisam tomar o poder em suas mãos, removendo a burocracia e o seu aparato de controle político, o mal-nomeado Partido Comunista, do Estado.

Em seu lugar, devem erguer um regime de democracia proletária, com controle do Estado a partir de órgãos de autogestão organizados desde as bases dos locais de trabalho. Esse regime, diferentemente do atual, deve engajar toda a classe trabalhadora na gestão da propriedade social e na busca de soluções para os problemas econômicos, deve incentivar processos revolucionários em outros países (ao invés de alianças com burgueses “de esquerda), dar liberdade de organização e manifestação aqueles comprometidos com a defesa das conquistas sociais da revolução, remover os privilégios materiais da burocracia e reestabelecer os ideais e mecanismos de igualitarismo social. É isso que nós trotskistas chamamos de “revolução política”.

Os protestos de 11 de julho: nem contrarrevolução da CIA, nem algo essencialmente progressista

Diante dos ataques explícitos da burocracia ao ideal igualitarista da revolução, denunciado como retrógrado nos jornais oficiais do regime, da piora das condições de vida da maior parte da população – não apenas por conta do bloqueio e da pandemia, mas também das reformas e da austeridade

impostas pelo regime – e da falta de democracia, era inevitável que ocorressem manifestações contra o governo. Isso não significa, porém, que toda e qualquer manifestação contra o regime burocrático é progressista e levará a uma revolução política.

Protestos menores já vinham ocorrendo de forma isolada nos últimos meses. Alguns lidavam com medidas de austeridade mais draconianas estabelecidas pela “Tarea Ordenamiento”, como o aumento dos preços dos restaurantes populares, que havia praticamente inviabilizado seu uso por trabalhadores aposentados. Esse e algumas outras medidas foram revertidas após a pressão popular. Esse tipo de protesto é inegavelmente progressista, pois se trata da defesa das conquistas sociais da revolução e das condições de vida da população trabalhadora.

Mas também vinham ocorrendo protestos de pautas mais difusas, em prol de uma abstrata democracia e liberdade de expressão. Estes eram protagonizados, sobretudo, por intelectuais e artistas, e não tinham nem uma defesa explícita do socialismo, nem das conquistas da revolução. O que mais chamou atenção recentemente foi o protagonizado pelo “Movimento San Isidro”, em novembro de 2020. Esse grupo, formado por artistas, vinha usando as redes para protestar por liberdade de expressão e denunciando atos de censura que, de fato, eram injustificadas, pois envolvia suprimir opiniões que não tinham nada de pró-capitalistas ou contrarrevolucionárias – apenas eram independentes dos aparatos estatais e sua propaganda oficial.

Em novembro, um dos membros desse movimento foi detido de forma ilegal e os demais ocuparam um edifício em resposta, o qual logo foi desocupado pela polícia, levando a mais detenções. Há relatos de participação de indivíduos abertamente pró-Trump nessa ocupação, o que mostra o perigo de protestos com pautas difusas, que não se demarcam claramente em relação à defesa das conquistas

sociais da revolução. No dia 27, cerca de 300 pessoas protestaram em frente ao Ministério da Cultura contra a censura e repressão ao Movimento San Insidro, e protestos menores ocorrem em outras cidades, como Santa Clara. Esses protestos do dia 27 reuniram setores muito heterogêneos, como defensores da revolução que discordam da censura, mas também grupos reacionários, pró-imperialistas e pró-capitalistas, que usam a bandeira da democracia para legitimar um projeto de contrarrevolução restauracionista.

Numa situação de cerco imperialista e constante ameaça contrarrevolucionária, manifestações por "liberdade de expressão" e "democracia" em abstrato, sem deixar claro a defesa da revolução e suas conquistas sociais, podem ser facilmente instrumentalizadas por forças reacionárias, interessados numa restauração capitalista. Mais uma vez, foi o que ocorreu nos Estados operários burocratizados do Leste Europeu e URSS, em 1989-91, com a contrarrevolução tendo assumido a forma de uma reação democrática, apoiada em razoável mobilização popular por "democracia". Por isso, a defesa da democracia contra a ditadura de burocracia deve sempre estar associada à defesa incondicional das conquistas sociais da revolução e da propriedade social, à firme oposição a qualquer intervenção imperialista e também a um posicionamento claro sobre que tipo de democracia desejamos: não a falsa democracia representativa da burguesia, usada para encobrir sua ditadura de classe, mas a democracia proletária, dos conselhos e comitês de trabalhadores e camponeses.

Nos protestos do dia 11 todos os elementos mencionados se misturaram: indignação de trabalhadores com a piora das suas condições de vida, repúdio à censura e repressão indiscriminados, e também o uso demagógico da defesa da democracia por setores contrarrevolucionários e pró-imperialistas. Tratou-se de protestos em grande parte espontâneos, convocados pelas redes sociais (que são um elemento bem recente em Cuba, fruto de uma abertura parcial promovida durante a gestão de Raúl Castro), com composição e pautas heterogêneas e sem uma liderança política estabelecida.

O governo rapidamente os denunciou como protestos pró-imperialistas e usou de repressão policial em várias cidades, inclusive prendendo militantes reconhecidamente socialistas em Havana (alguns, inclusive, membros do PC). Contudo, relatos diversos circulados por socialistas cubanos nas redes sociais dão conta de que as manifestações foram pautadas por demandas por comida, medicamentos e melhores condições de vida, e tiveram caráter popular. Em Havana, por exemplo, boa parte dos detidos pela polícia são moradores de Centro Habana, bairro popular para onde muitos migraram das províncias de interior, fugindo da fome na crise dos anos 1990. Setores comprometidos com a defesa da revolução estavam presentes e, inclusive, foram reprimidos com prisão (veja em anexo a nota de solidariedade a Frank Garcia Hernandez e outros militantes socialistas presos em Havana durante o protesto).

De certa forma, o próprio regime reconheceu haver legitimidade nesses protestos, pois Diaz-Canel foi pessoalmente a San Antonio de los Baños, onde as manifestações começaram, para dialogar com a população que estava nas ruas e tentar apaziguar os ânimos. Acaso o Presidente iria a uma manifestação de "mercenários da CIA", como os meios de comunicação do regime posteriormente acusaram (quando ficou claro que a tentativa de apaziguamento não funcionou)?

Ao mesmo tempo, é fundamental reconhecer que os protestos também tiveram como eixo uma defesa abstrata da democracia contra o regime, e rapidamente se espalhou nas redes o slogan "SOS Cuba", chamando à ingerência estrangeira na ilha, e "Pátria e vida" – este último, referência ao rap "Patria y vida", que denuncia as reformas econômicas recentes e clama por "liberdade, não mais doutrinas" e "pátria e vida", ao invés do slogan nacionalista da revolução, "pátria ou morte". Grupos de direita, pró-imperialistas e pró-capitalistas, certamente estiveram presentes e tentaram disputar a indignação da população para seus próprios fins contrarrevolucionários, mas as manifestações não foram capturadas por essas forças de maneira imediata e automática.

Dito isso, a conclusão é que tal espontaneidade e heterogeneidade não permite a caracterização dos protestos do dia 11 como uma operação contrarrevolucionária da CIA, como quer o regime cubano e seus defensores acríticos em outros países. Ao mesmo tempo, é oportunista, e totalmente condenável, a postura de apoio acrítico visto por parte da esquerda socialista a essas manifestações, simplesmente por terem caráter popular e algumas demandas progressistas, ignorando os riscos repre-

sentados pela presença da direita. Dada essa heterogeneidade, está colocada a disputa pelo sentido e conteúdo desses protestos ou, em termos mais gerais, do sentido e conteúdo da crescente insatisfação popular com o regime e a piora das condições de vida. O caráter dessas manifestações não está definido e dependerá de seu desenrolar.

Nós marxistas defendemos um movimento de luta contra a burocracia que tenha uma clara composição, pautas e interesses proletários diante das recentes reformas e da condução do país, delimitando-se claramente contra o imperialismo e a restauração do capitalismo. Não apoiaremos movimentos "democráticos" que auxiliem a contrarrevolução em Cuba, um Cavalo de Tróia que destruiria muitas conquistas sociais.

Os dados estão lançados: contrarrevolução restauracionista versus manutenção das conquistas sociais e revolução política

Por ora, o regime reagiu demonstrando força, com manifestações de apoio muito maiores tendo ocorrido no dia 12. Contudo, há uma direita muito bem preparada na ilha para disputar essa insatisfação e, com isso, convocar novos protestos, de conteúdo mais claramente definido que os do dia 11. A própria burocracia, que no dia 11 prendeu ativistas socialistas e LGBT, permitiu o crescimento de "ONGs" pró-capitalistas, igrejas evangélicas e grupos de direita na ilha nos últimos anos, os quais, com o grande apoio midiático que estão recebendo da imprensa burguesa internacional, e, certamente, também apoio operacional e material de agências do imperialismo como a CIA, se encontram numa posição favorável para manobrar as legítimas insatisfações da população cubana e usá-las para um processo contrarrevolucionário revestido de ares "democráticos".

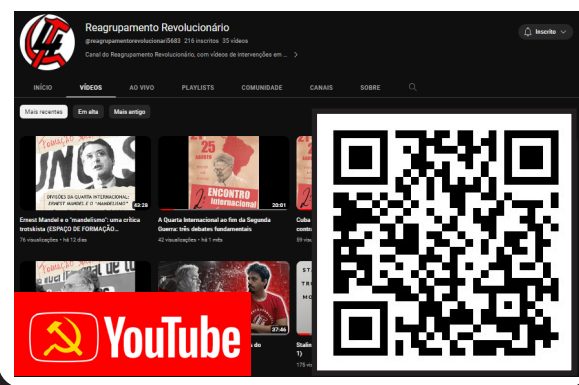
A única forma de evitar isso é com a formação de uma coluna de quadros socialistas, organizados em um partido independente da burocracia, que disputem essa insatisfação legítima para outro caminho, demonstrando, desde os locais de trabalho e bairros populares, que o regime burocrático não é um legítimo representante da causa socialista, e principalmente que a interferência estrangeira e a restauração do capitalismo não são solução para os problemas enfrentados pelo povo cubano – ao contrário, só vão agravá-los sobremaneira. É necessária uma firme oposição ao bloqueio, a qualquer interferência estrangeira e um firme repúdio e combate às forças de direita, pró-capitalistas, mas sem prestar nenhum apoio político à burocracia, que, ao desacreditar cada vez mais o socialismo, joga água no moinho da contrarrevolução. Enquanto as manifestações de oposição se mantiveram heterogêneas e sem uma liderança e programa pró-capitalista, é dever dos socialistas disputa-las para tal programa.

Infelizmente, porém, o cenário mais provável é que as forças de direita consigam hegemonizar a insatisfação popular no próximo período, convocando e dirigindo manifestações próprias, com conteúdo pró-capitalista e pró-imperialista, ainda que revistado com defesa abstrata da democracia. Nesse cenário, mesmo mantendo firme oposição ao regime burocrático, é dever dos socialistas verdadeiros cerarem fileiras contra qualquer tentativa de contrarrevolução, apoiando eventuais ações da burocracia para suprimí-las e organizando iniciativas próprias no mesmo sentido, as quais possam servir de base, no futuro, para a luta contra a própria burocracia, em defesa da revolução e do socialismo.

Abaixo o criminoso bloqueio imperialista! Abaixo qualquer interferência estrangeira! Defesa incondicional das conquistas sociais da revolução! Expulsão das agências e forças contrarrevolucionárias atuantes nas manifestações! Não à repressão das vozes favoráveis à revolução e às suas conquistas! Por um partido socialista dos trabalhadores, que lute pela defesa das conquistas sociais da Revolução Cubana e por uma democracia proletária! Abaixo a burocracia, viva o socialismo! Pela expansão internacional da revolução, para que Cuba possa romper verdadeiramente seu isolamento! ☭

Escaneie esse QR code para acessar nosso canal no YouTube e assistir a um vídeo com o conteúdo desse artigo:

Reagrupamento Revolucionário

YouTube

GUERRILHEIROS NO PODER:
UM REGIME BUROCRÁTICO ANTIPROLETÁRIO

Texto originalmente publicado pela então revolucionária Spartacist League (SL, EUA) em* Workers Vanguard *(WV), n. 102, 25 de março de 1976. Nós do Reagrupamento Revolucionário reivindicamos as elaborações da SL desta época, mas não temos relação com a atual SL / ICL.

Como parte de um esforço mais amplo para “institucionalizar” seu regime, o recente congresso do Partido Comunista de Cuba (PCC) aprovou uma nova constituição “socialista” para que o país substitua a “Lei Fundamental” burguesa de 1940 (ver “Castro Holds First CP Congress”, *WV* n. 100, 12 de março de 1976). O primeiro-ministro Fidel Castro aproveitou também a ocasião para apresentar a “versão padrão revisada” da história da revolução cubana.

A visão geral foi duplamente significativa no contexto da nova constituição, uma vez que uma das principais demandas originais de Castro – do ataque ao Moncada em 26 de julho de 1953 até assumir o poder do ditador Batista em 1 de janeiro de 1959 – foi precisamente para um retorno à constituição de 1940. Isso levanta as questões cruciais do caráter de classe do movimento guerrilheiro, da natureza da revolução que realizou e das causas e significado da mudança de um programa burguês “democrático” para a expropriação da burguesia.

Essas questões são de tremendo significado para os comunistas, pois dizem respeito às questões mais fundamentais da estratégia revolucionária nos países capitalistas atrasados. A pequena burguesia – tradicionalmente considerada pelos marxistas como um grupo vacilante, incapaz de fornecer uma liderança de classe independente – pode realizar uma revolução socialista, como afirma o revisionista “Secretariado Unificado”? Ou Cuba permaneceu em todo um Estado capitalista, como afirmam os maoístas e o falsamente trotsksita “Comitê Internacional” de Gerry Healy? Por outro lado, se, como sugerido exclusivamente pela tendência Espartaquista internacional [atualmente, a degenerada International Communist League / ICL, grupo internacional da SL], o regime de Castro desde 1960 é um Estado operário deformado, como ele foi formado e quais as implicações disso para a teoria trotskista da revolução permanente?

Um comunista no armário?

Em seu discurso de abertura ao congresso do PCC, o “Comandante” Castro repetidamente elogiou as políticas dos líderes stalinistas da União Soviética. Há muito preso à órbita soviética, Castro agora procura projetar suas políticas atuais de volta no jovem militante que invadiu o quartel do exército em Santiago em 1953 e no núcleo do Exército Rebelde que iniciou a luta de guerrilha na Sierra Maestra três anos mais tarde.

Castro inclui entre os “pilares sólidos” em que os líderes do Movimento 26 de Julho se basearam “os princípios do marxismo-leninismo”. Ele prossegue, “embora não fosse a maneira de pensar de todos os que embarcaram no caminho da luta armada revolucionária em nosso país, foi o de seus principais líderes” (*Granma*, 28 de dezembro de 1975).

Castro também afirmou que, entre os jovens combatentes, havia "um profundo respeito e admiração pelos antigos comunistas" do Partido Socialista Popular (PSP) pró-Moscou, que "manteve com firmeza as nobres bandeiras do Marxismo-leninismo".

A realidade era consideravelmente diferente. O discurso de Castro fez silêncio sobre o programa do movimento anti-Batista, mas por um lado oblíquo, para o benefício daqueles que conhecem alguma coisa da luta da década de 1950, ele acrescentou: "… não só a ação mais resoluta era necessária, mas também astúcia e flexibilidade por parte dos revolucionários …. A proclamação do socialismo durante o período da luta insurrecional não teria sido entendida pelo povo e o imperialismo teria intervido diretamente em nosso país com suas tropas".

Um tema semelhante pode ser encontrado em muitos ataques de direita contra Castro, que o acusam de ter "traído a revolução" contra Batista e enganado o povo. Certos apologistas de esquerda do regime de Havana também apresentaram o mito de Castro como sendo um "marxista-leninista no armário", que "deu uma rasteira" nos imperialistas. "Os líderes da Revolução tinham que conhecer as pessoas e conversar com elas em termos que estivessem prontas para entender", escreveu Edward Boorstein em *The Economic Transformation of Cuba* (1968). Outros, como o ex-maoísta Progressive Labor Party (Partido Trabalhista Progressista, PL, EUA), que tenta criticar Castro pela esquerda, foram inicialmente cativados pelo "jeito malandro do Che [Guevara] de mover Cuba para o socialismo por trás das costas de todos" (Jake Rosen, "Is Cuba Socialist?" , PL, novembro de 1969). Mas dizendo que eles "não acreditam mais nestes truques astutos", o PL concluiu que Cuba ainda era capitalista. A verdade é mais complexa – mais dialética – do que esse papo simplista de Castro e Guevara como enganadores.

Um democrata radical jacobino

Todas essas "explicações" chegam a uma teoria da conspiração sobre a história e ignoram o verdadeiro caráter social do movimento de Castro. Para começar, o próprio Castro nem sequer fingiu fazer parte do movimento operário durante a luta contra a ditadura apoiada nos EUA. Em vez disso, ele era um democrata pequeno-burguês jacobino radical, seguindo os passos do "apóstolo" da independência cubana, José Marti. Seu passado político foi como um líder estudantil liberal e advogado constitucionalista. Ele foi durante algum tempo chefe da entidade estudantil da Universidade de Havana, e em 1948 votou em Eduardo Chíbas, candidato do Partido Ortodoxo, que estava concorrendo a presidente do país sob um programa anticorrupção. Em 1952, Castro foi candidato ao Congresso cubano na chapa ortodoxa, mas um golpe de Estado do ex-homem forte das forças armandas, Fulgencio Batista, obstruiu as eleições.

Após o golpe de 10 de março, a primeira ação do jovem advogado contra o ditador não foi fazer agitação entre os trabalhadores e os camponeses, mas sim apelar para um tribunal de emergência na capital para prender Batista por violar o Código de Defesa Social! As apologias simplistas de Leo Huberman e Paul Sweezy para Castro (Cuba: Anatomy of a Revolution, 1960) comentaram: "Quando a petição para a prisão de Batsita foi rejeitada pelo tribunal, Fidel decidiu que havia apenas uma maneira pela qual o usurpador poderia ser derrubado – a revolução". Seus objetivos eram listados como um "governo honesto" e uma "Cuba verdadeiramente soberana".

Os métodos aos quais o jovem advogado então recorreu estavam bem enquadrados à política burguesa tradicional latino-americana. Vários pseudo-marxistas – do próprio Castro aos seguidores do falso-trotskista Ernest Mandel – fingem hoje que a "estratégia" da guerrilha cubana esteve de alguma forma à esquerda do reformismo stalinista tradicional porque se envolveu em "luta armada". Eles "esquecem" que, nas condições instáveis da América Latina, quase todas as tendências políticas têm, uma vez ou outra, "pego em armas". A primeira tentativa de ação revolucionária de Castro, por exemplo, não era mais que um *pronunciamento* de estilo antigo.

O plano para assalto ao quartel Moncada foi para surpreender os 1.000 soldados alocados lá, tomar suas armas, assumir a estação de rádio e transmitir o último discurso de Eduardo Chíbas (que se suicidou em 1951), seguido de um apelo às armas convidando o povo cubano a se levantar contra o ditador. Ações similares foram realizadas várias vezes no México, Bolívia, Peru ou Argentina. No entanto, neste caso, falhou, em parte devido ao mau planejamento, e a maioria dos 200 atacantes foram mortos durante o ataque, ou brutalmente assassinados pelos torturadores de Batista na operação de limpeza que se seguiu.

O programa do Movimento 26 de Julho

Em seu julgamento no mês de setembro seguinte, Castro (que havia sido pego escondido nas colinas ao redor da capital do leste da província) foi capaz de virar as mesas sobre o governo com um discurso dramático, acusando o regime de oprimir o povo. Nesse discurso, depois editado em um panfleto intitulado "A História Me Absolverá", Castro apresentou cinco "leis revolucionárias" que teriam sido imediatamente proclamadas após a captura do quartel de Moncada.

Estes decretos projetados mostram claramente o conteúdo social da revolução que os rebeldes do 26 de Julho estavam planejando. O primeiro seria retornar à constituição de 1940; o segundo, conceder títulos de terra aos inquilinos e aos ocupantes (com o Estado indenizando os antigos proprietários com base nos valores de aluguel que teriam recebido nos próximos dez anos); a terceira providenciaria a participação nos lucros; a quarta, que os plantadores de cana obtivessem 55% da produção de açúcar (em vez da maior parte ir para as usinas); e o último confiscaria "ganhos mal adquiridos de todos os que haviam cometido fraudes durante o período dos regimes anteriores".

Conforme escreveu o jornalista acadêmico Theodore Draper, partidário da Guerra Fria: "Não há praticamente nada no programa social e econômico de 'A História me Absolverá' que não possa ser rastreado pelo menos até… o programa de 1935 do Partido Autêntico, do Dr. Grau San Martins, muito menos à posterior propaganda de Chíbas" (*Castroism: Theory and Practice*, 1965).

A luta anti-Batista de Castro, após o desembarque catastrófico do iate Granma na província de Oriente, em dezembro de 1956, geralmente é pensada exclusivamente em termos de uma pequena guerrilha, ganhando gradualmente o apoio dos *jibaros* (camponeses). Mas o líder do minúsculo Movimento 26 de Julho estava negociando simultaneamente com vários políticos burgueses proeminentes. Assim, o "Manifesto da Sierra Maestra", datado de julho de 1957, e o mais divulgado dos documentos rebeldes, foi assinado por Castro, Raul Chíbas (irmão de Eduardo) e Felipe Pazos, ex-presidente do Banco Nacional de Cuba. O manifesto de Castro-Chíbas-Pazos pedia "eleições democráticas e imparciais" organizadas por um "governo provisório neutro"; "dissociação do exército da política"; "liberdade de imprensa"; "política financeira sólida" e "industrialização"; e uma reforma agrária baseada na concessão de permissões para ocupantes e inquilinos (com indenização prévia aos proprietários). O programa de dez pontos deveria ser realizado por uma Frente Revolucionária Civil, composta por representantes de todos os grupos da oposição.

A declaração programática final da Sierra Maestra, publicada em outubro de 1958, à medida que o regime de Batista estava desmoronando, foi a "Lei n. 3", sobre a reforma agrária. Com base no princípio da "terra para os agricultores", não mencionava cooperativas ou fazendas estatais.

Quando Fidel e Raul Castro abriram caminho para fora da Sierra Maestra, para se ligar com as tropas de Ernesto "Che" Guevara e Camilo Cienfuegos nas planícies da província de Camaguey e depois marchar para Havana, o Exército Rebelde estava longe de ser uma organização de massa, contando apenas 1.100 soldados, a maioria deles camponeses.

O governo provisório, instalado com a aprovação de Castro, não foi dominado por ministros do 26 de Julho. O presidente era Manuel Urrutía, ex-juiz; o primeiro-ministro era José Miró Cardona, ex-chefe da Ordem dos Advogados de Havana; o ministro das Relações Exteriores era Roberto Agramonte, o candidato presidencial ortodoxo em 1952; e Felipe Pazos foi novamente chefe do Banco Nacional. Nas novas forças armadas, o chefe da Força Aérea Revolucionária era Pedro Díaz Lanz. Ao final do ano, todos esses homens haviam desertado para os Estados Unidos, juntando-se aos ex-batistianos em Miami. Miró seria mais tarde o fantoche de um "Conselho Revolucionário" criado pela CIA para servir de frente para a invasão da Baía de Porcos, em abril de 1961.

As políticas adotadas pelo novo regime durante seus primeiros meses foram, certamente, uma saída radical da falta de liberdade e da corrupção maciça do "governo" de Batista, que era algo parecido com ter Al Capone na Casa Branca. No entanto, as ações do governo revolucionário não excederam os limites do regime capitalista.

Entre os primeiros passos foram reduzidas as taxas de eletricidade pela metade nas áreas rurais, até 50% de cortes nos aluguéis para os pobres, e a implementação da lei de reforma agrária da Sierra Maestra, juntamente com a apreensão das propriedades dos capangas de Batista. Nos Estados Unidos, a imprensa burguesa, liderada pela revista *Time*, desencadeou uma campanha de publicidade reacionária contra os julgamentos de crimes de guerra dos açougueiros manchados de sangue do regime de Batista (de cujas bestialidades a mídia imperialista não havia relatado nada). Ao final, apenas 550 dos criminosos mais notórios foram executados, com ampla aprovação de praticamente todas as classes da população cubana.

Mas enquanto este primeiro governo pós-Batista era liderado por autênticos políticos burgueses liberais, o poder real estava nas mãos do Exército Rebelde, razão pela qual os líderes abertamente contrarrevolucionários fugiram sem travar qualquer tipo de luta. As guerrilhas nas colinas foram militarmente marginais, mas conseguiram cristalizar o enorme ódio popular frente ao regime de Batista.

Quando os líderes do Movimento 26 de Julho entraram na capital, o exército oficial e o aparelho policial – o núcleo do poder do Estado – desmoronaram. Os castristas passaram a varrer e organizar um novo aparelho repressivo recrutado e organizado em linhas bem diferentes.

O exército de guerrilha era uma formação pequeno-burguesa, politicamente heterogênea, com a liderança recrutada entre ex-estudantes e profissionais liberais, e suas bases entre os camponeses da *sierra*. **[1]** Enquanto Castro e o resto da liderança assinaram vários programas, manifestos, etc. com liberais de oposição, suas conexões diretas anteriores com a burguesia foram quebradas. Mais importante ainda, o Exército Rebelde não enfrentou um proletariado combativo e consciente de classe, que teria polarizado os militantes pequeno-burgueses, atraindo alguns para o lado dos trabalhadores e enviando outros diretamente para os braços de Urrutía, Miró & Cia. Consequentemente, o que existia em Havana após o derrube de Batista era um fenômeno intrinsecamente transitório e fundamentalmente instável — um governo pequeno-burguês que não estava comprometido com a defesa da propriedade privada burguesa, nem com as formas de propriedade coletivista do domínio da classe proletária (ver “Cuba and Marxist Theory,” *Marxist Bulletin* n. 8).

A Consolidação de um Estado operário deformado

Enquanto tal regime era temporariamente autônomo da ordem burguesa — isto é, um Estado capitalista, corpos armados de homens dedicados a defender uma determinada forma de propriedade, não existia no sentido marxista – Castro não podia escapar da luta de classes. Depois de janeiro de 1959, um novo poder estatal burguês poderia ter sido erguido em Cuba, como aconteceu após a partida dos governantes coloniais franceses na Argélia em 1962. No caso argelino, este processo foi auxiliado pela conclusão dos acordos neocoloniais de Evian, protegendo explicitamente a propriedade dos colonos franceses, e o fato de que o poder foi entregue para um exército regular, que desempenhou pouco papel na luta da guerrilha.

No entanto, em Cuba, o imperialismo dos Estados Unidos estava longe de ser acomodado e logo começou uma forte luta econômica contra os novos governantes em Havana, que rapidamente se tornaram ações militares. Esta pressão imperialista, por sua vez, empurrou o núcleo da liderança cubana para a esquerda, enquanto fez outros segmentos do Movimento 26 de Julho se juntarem aos liberais burgueses e aos batistianos exilados.

O primeiro confronto acentuado com a burguesia nativa surgiu na proclamação de uma lei de reforma agrária moderada, em maio. A nova lei expropriou todas as terras acima de 999 acres, a serem pagas com títulos do governo revolucionário que poderiam ser resgatados em 20 anos. A reação era previsível: os proprietários declararam que isso era “pior do que o comunismo” e o Departamento de Estado dos EUA enviou uma nota piedosa, deplorando que os investidores estadunidenses não tinham sido previamente consultados.

O próximo movimento de Castro, que agitou a ira dos capitalistas, foi a remoção de Felipe Pazos do Banco Nacional, onde foi substituído por Guevara. Em fevereiro de 1960, o vice-primeiro-ministro da Rússia, Mikoyan, visitou Cuba e assinou um acordo para comprar anualmente 1 milhão de toneladas de açúcar cubano. Isso aliviou a Cuba de sua confiança até agora quase exclusiva nos EUA para o comércio exterior, e quando, em 29 de junho de 1960, as refinarias de petróleo pertencentes aos EUA se recusaram a aceitar petróleo cru importado da URSS, elas foram nacionalizadas. Em 3 de julho, o Congresso estadunidense aprovou uma redução da quota de açúcar importado de Cuba, e, dois dias depois, Castro apoderou-se das propriedades dos Estados Unidos (principalmente moinhos de açúcar) na ilha.

Enquanto isso, a polarização dentro do heterogêneo movimento castrista tinha prosseguido rapidamente. Já em julho de 1959, o presidente Urrutia provocou uma crise de governo, denunciando o PSP e o comunismo; quase simultaneamente, o chefe da força aérea, Diaz Lanz, convocou o Ministro da Defesa, Raul Castro, a purgar os comunistas das forças armadas. Diaz logo fugiu para os EUA, e Urrutia renunciou e foi substituído por Osvaldo Dorticos. Em outubro, o comandante militar da província de Camaguey, Hubert Matos, tentou lançar uma rebelião regional junto com duas dúzias de seus oficiais, mas foi rapidamente dominado e preso.

Não foi só nas novas forças armadas que a diferenciação ocorreu. O setorial de Havana do Movimento 26 de Julho e seu jornal, *Revolución*, ao longo de 1959 foram uma fonte de anticomunismo agressivo. A crise entre as alas direita e esquerda veio à tona na batalha dos sindicatos, onde David

Salvador havia sido instalado como chefe da Federação Cubana do Trabalho (CTC) para substituir o amiguinho gangster de Batista, Eusebio Mujal. Salvador imediatamente dissolveu a unidade de trabalho entre o PSP e o 26 de Julho no movimento operário, que havia sido estabelecida no final de 1958, e atribuiu todos os assentos do comitê executivo da CTC a não-comunistas. No congresso da CTC de novembro de 1959 houve um confronto, e, depois de uma intervenção pessoal de Fidel Castro, a espinha da ala anti-PSP (que incluía uma série de ex-mujalistas) foi quebrada. Salvador demitiu-se alguns meses depois, e o controle dos sindicatos passou para o stalinista de longa data Lazaro Peña (ver J. P. Morray, *The Second Revolution in Cuba*, 1962).

O passo culminante nas nacionalizações ocorreu no outono de 1960, com uma série de rápidas apreensões (fábricas de tabaco, bancos estadunidenses e, em 13 de outubro, todos os bancos e 382 empresas). Em meados de outubro, todas as usinas de processamento agrícola; todas as químicas e metalúrgicas; papel; fábricas de têxteis e drogas; todas as ferrovias; portos; gráficas, empresas de construção e lojas de departamento foram nacionalizadas. Juntos, isso fez do Estado o dono de 90% da capacidade industrial de Cuba.

A Revolução Permanente

Com a tomada da propriedade capitalista em Cuba, pela primeira vez no Hemisfério Ocidental – e apenas a 90 milhas da Flórida – o mundo testemunhou a expropriação da burguesia como classe. Isso naturalmente fez da revolução cubana um objeto de ódio dos imperialistas. Também fez de Castro e de Cuba objetos de adoração por revolucionários de todos os tipos e por um grande espectro da opinião pequeno-burguesa radical. A Nova Esquerda, com seu duro antileninismo, agarrou instintivamente uma revolução “do povo”, mas sem um partido leninista ou o protagonismo da classe trabalhadora.

Para os trotskistas, no entanto, a revolução cubana colocou importantes questões programáticas. A teoria da revolução permanente afirmava que, nas regiões capitalistas atrasadas, a burguesia era muito fraca e amarrada por seus laços com os imperialistas e feudalistas para que conseguisse uma revolução agrária, a democracia e a emancipação nacional, objetos das revoluções burguesas clássicas. A análise de Trotsky da revolução russa de 1905 levou-o à sua insistência de que o proletariado deve estabelecer seu próprio domínio de classe, com o apoio do campesinato, para realizar até mesmo as tarefas democráticas da revolução burguesa; e, desde o início, seria forçado a empreender medidas socialistas, tornando a revolução permanente em caráter.

A revolução cubana demonstrou que, mesmo com uma liderança que iniciou sua insurgência sem perspectiva de transcender o radicalismo pequeno-burguês, a verdadeira reforma agrária e a emancipação nacional do jugo do imperialismo ianque revelaram-se impossíveis sem destruir a burguesia como uma classe. Ela confirmou a compreensão marxista de que a pequena-burguesia, composta por elementos altamente voláteis e contraditórios, que não possuem a força social para competir independentemente pelo poder, é incapaz de estabelecer um modo novo e característico de relações de propriedade, sendo obrigada a recair sobre as formas de propriedade de uma das duas classes fundamentalmente contrapostas na sociedade capitalista, a burguesia ou o proletariado.

Assim, a liderança de Castro, em circunstâncias excepcionais, devido ao colapso do regime de Batista e na ausência de uma poderosa classe trabalhadora capaz de lutar pelo poder do Estado por direito próprio, foi empurrada pela pressão da hostilidade frenética do imperialismo dos EUA na criação de um Estado operário deformado, no qual cada vez mais duplicou o modo de governo da degenerada URSS à medida que os castristas consolidavam um aparelho estatal burocrático. A evolução da liderança cubana de radicais pequeno-burgueses para os administradores de um Estado operário deformado (e a incorporação dos comunistas cubanos) confirmou a caracterização de Trotsky dos stalinistas russos como uma casta pequeno-burguesa que se apoiava nas formas de propriedade estabelecidas pela Revolução de Outubro **[2]**. Além disso, a revolução cubana fornece uma confirmação negativa de que apenas o proletariado consciente de classe, liderado por um partido marxista de vanguarda, pode estabelecer um Estado operário revolucionário e governado democraticamente, e, assim, constituir a base para a extensão internacional da revolução e abrir a estrada ao socialismo.

Ao contrário da Revolução Russa, que exigiu uma contrarrevolução política sob Stalin para se tornar um Estado operário burocraticamente deformado, a revolução cubana foi deformada desde o início. A classe trabalhadora cubana, tendo desempenhado essencialmente nenhuma parte no processo revolucionário **[3]**, nunca teve poder político, e o Estado cubano foi governado pelos caprichos da camarilha castrista em vez de ser administrado por conselhos de trabalhadores democraticamente eleitos (*soviets*).

A corrente revisionista que emergiu do movimento trotskista no final da década de 1950 viu em Cuba a justificativa perfeita para o abandono da construção de partidos de vanguarda trotskistas. Ao ignorar o índice crucial da democracia dos trabalhadores e, assim, negligenciar acerca da diferen-

ça qualitativa entre um Estado operário deformado como a Rússia stalinista ou a Cuba castrista e o Estado operário saudável russo de Lenin e Trotsky, os apoiantes europeus do "Secretariado Internacional" [da Quarta Internacional] (SI-QI) abraçaram a revolução cubana como prova de que as transformações revolucionárias poderiam ter lugar sem a liderança de uma vanguarda proletária. Cuba tornou-se o modelo do "processo revolucionário" sob "novas condições" – e o esquema ao qual os revisionistas se agarravam apesar do fracasso de inúmeras lutas de guerrilha na América Latina para duplicar a "via cubana".

Para o Socialist Workers Party dos EUA (Partido dos Trabalhadores Socialistas), no entanto, Cuba foi uma linha divisória na degeneração desse partido como um repositório do trotskismo revolucionário. Durante a década de 1950, ele lutou contra a noção de "entrismo profundo" de [Michel] Pablo [então dirigente do SI-QI] nos partidos reformistas de massa. Mas, com a sua fibra revolucionária enfraquecida sob o impacto do macarthismo, os líderes do SWP estavam procurando desesperadamente por uma causa popular que poderia permitir-lhes sair do isolamento.

O líder do SWP, Joseph Hansen, comemorou com entusiasmo:

"Que previsão existe no marxismo para uma revolução, obviamente socialista em tendência, mas alimentada pelo campesinato e liderada por revolucionários que nunca professaram objetivos socialistas … Não está nos livros! …. Se o marxismo não tem disposições para tais fenômenos, talvez seja hora de serem tomadas disposições. Pareceria uma troca bastante justa para uma revolução tão boa quanto essa". ("Theory of the Cuban Revolution", 1962).

Tendo declarado a revolução "socialista em tendência" e equiparando-a com a Rússia sob Lenin, Hansen não podia simplesmente ignorar a questão crucial da democracia dos trabalhadores. "É verdade que esse Estado operário não tem, até agora, as formas de democracia proletária", escreveu ele. Mas ele imediatamente adicionou, "Isso não significa que falta democracia em Cuba".

Os dirigentes do SWP tomaram a convergência na questão de Cuba como a oportunidade de propor uma reunificação com o SI-QI. Em um documento de 1963, "For Early Reunification of the World Trotskyist Movement" ("Pela unificação antecipada do movimento trotskista mundial"), o SWP escreveu sobre "a aparência de um Estado operário em Cuba – cuja forma exata ainda não foi estabelecida"; a "evolução para o marxismo revolucionário [do] Movimento de 26 de Julho" e concluiu:

"Ao longo da estrada de uma revolução começando com simples demandas democráticas e terminando na ruptura das relações de propriedade capitalistas, a guerra de guerrilha conduzida por forças camponesas sem terra e semiproletárias, sob uma liderança que se empenha em levar a revolução até uma conclusão, pode desempenhar um papel decisivo em minar e precipitar a queda de um poder colonial e semicolonial …. *Isso deve ser incorporado conscientemente à estratégia* de construir partidos revolucionários marxistas nos países coloniais".

Em resposta a este revisionismo aberto, Healy e seus seguidores do Comitê Internacional simplesmente enfiaram a cabeça na terra como um avestruz e declararam que Cuba, mesmo após as nacionalizações de 1960, é "um regime bonapartista que se baseia em fundações capitalistas", não qualitativamente diferente do regime de Batista. Mas dentro do SWP, a "Tendência Revolucionária" (RT, precursora da Spartacist League dos EUA) conseguiu analisar o regime cubano pós-1960 como um Estado operário deformado e apontar o significado dessa caracterização para a teoria marxista.

Em uma resolução que foi submetida como documento contrário ao documento "For Early Reunification …" da liderança do SWP, a RT deixou claro que "os trotskistas são os defensores mais combativos e incondicionais, contra o imperialismo, da Revolução Cubana e do Estado operário deformado que dela emergiu". Mas acrescentou: "os trotskistas não podem dar confiança e apoio político, mesmo crítico, a um regime hostil aos princípios e práticas mais elementares da democracia operária … " ("Rumo ao Renascimento da Quarta Internacional", junho de 1963).

Rejeitando diretamente o apoio do SWP ao guerrilheirismo e ao castrismo, no lugar da perspectiva trotskista da revolução proletária, a resolução da RT resumiu:

"A experiência desde a Segunda Guerra Mundial demonstrou que guerrilhas armadas de base camponesa com lideranças pequeno-burguesas não podem levar a nada além de regimes burocráticos antiproletários. A criação de tais regimes se tornou possível sob as condições combinadas de decadência do imperialismo, desmoralização e desorientação causada pelas traições stalinistas, e a ausência de uma liderança marxista revolucionária na classe trabalhadora. A revolução colonial pode ter um significado inegavelmente progressivo apenas sob a liderança do proletariado revolucionário. Portanto, se os trotskistas incorporassem em sua estratégia um revisionismo sobre a liderança *proletária* da revolução, isso seria uma profunda negação do marxismo …".

☭

NOTAS DA TRADUÇÃO

[1] O artigo falha em reconhecer a existência de um razoavelmente influente braço clandestino do Movimento 26 de Julho no interior do movimento operário, sua "Seccíon Obrera". A fal-

ta de atenção às bases proletárias construídas pelo Movimento e seu papel nos rumos anticapitalistas seguidos pelo processo revolucionário, à revelia da sua liderança, é um traço negativo nas análises da Spartacist League sobre a Revolução Cubana (bem como de muitos outros grupos e estudiosos do assunto). Para mais, ver, dentre outros, *A Hidden History of the Cuban Revolution: How the Working Class Shaped the Guerrillas' Victory*, de Steven Cushion (Monthly Review Press, 2016) e *The Cuban Revolution: Origins, Course, and Legacy*, de Marifeli Perez-Stable (Oxford University Press, 1993).

[2] A caracterização da burocracia stalinista como uma "casta pequeno-burguesa" se faz presente apenas muito marginalmente em Trotsky, predominando, ao invés, a caracterização de casta derivada do proletariado (especialmente da aristocracia operária e da burocracia das fábricas e sindicatos). Não obstante, ela tem peso central na explicação da SL de como foi possível que o pequeno-burguês Movimento 26 de Julho conduzisse uma transição a um Estado operário (deformado).

[3] Ver Nota 1.

O PAPEL DA CLASSE TRABALHADORA NA REVOLUÇÃO CUBANA

FOTO: *Funeral de Frank País, Santiago de Cuba, julho de 1957 (início de uma greve geral de cinco dias em Santiago)*

Por Marcio T. e Roma M., fevereiro de 2021.

O primeiro dia de janeiro de 1959 escreveu um novo e importante capítulo para a história da América Latina e para o socialismo internacional. Neste dia, um exército popular liderado por Fidel Castro e pelo Movimento 26 de Julho (M26J) chegou ao poder na pequena ilha do Caribe, situada tão próxima às fronteiras estadunidenses, derrubando a ditadura de Fulgêncio Batista. Esse evento não apenas inspirou novos processos de luta popular nos países periféricos da América Latina, mas também promoveu questionamentos teóricos e práticos sobre como se daria uma revolução socialista nessas localidades, levando à popularização do foco guerrilheiro em muitos países.

As suas características a princípio mais destacadas, como as suas lideranças pequeno-burguesas, os seus movimentos de guerrilha e o expressivo peso da força de trabalho rural contribuíram para que o caráter camponês da revolução se tornasse quase que um consenso nas esquerdas do mundo. O próprio discurso oficial do regime estimulou isso ao apresentar a revolução como fruto de um pequeno e heroico grupo de jovens guerrilheiros que conseguiram apoio do campesinato pobre em uma luta por democracia e libertação nacional.

Essa atribuição, no entanto, secundariza, e até mesmo apaga, o importante papel cumprido pelo proletariado cubano na derrubada do regime de Batista, na tomada de rumos mais radicais da revolução e na sua transformação em um processo anti-capitalista. Inclusive, desde um ponto de vista marxista, seria impensável uma revolução social anti-capitalista sem a participação do proletariado, pois a socialização em larga escala dos meios de produção não é feita meramente por decreto, com uma aceitação pacífica da burguesia de sua própria

expropriação.

Primeiramente, cabe mencionar que o programa original de Castro e do M26J não tinha um caráter socialista. Ambos almejavam a derrubada da ditadura de Batista, o retorno da Constituição de 1940, a libertação do país do jugo do imperialismo estadunidense e a instauração de uma limitada reforma agrária. Esses objetivos, que se encontravam nos marcos das tarefas minimamente democráticas, pautaram a Revolução Cubana em sua primeira fase. Não foi à toa que setores do governo dos EUA apoiaram a queda de Batista num primeiro momento, dada a sua crescente impopularidade e instabilidade, e buscaram uma conciliação com o novo governo cubano, o qual foi inicialmente composto por uma coalização de liberais democratas, com o M26J limitado ao controle das forças armadas.

Ainda assim, a estratégia do M26J não estava deslocada da luta das massas. Diferentemente da tentativa de tomada do quartel de Moncada, em 1953, que foi uma operação puramente militar, a chegada do *Granma* à Cuba, em 1956, deveria ter ocorrido junto a uma greve geral em Santiago e arredores, como forma de desestabilizar o regime e permitir que os rebeldes tomassem o poder. Era uma inspiração direta na forma como a ditadura de Gerdado Machado fora derrubada, em 1933, com greve geral da classe trabalhadora. A greve de fato ocorreu; no entanto, uma tempestade impediu que os rebeldes chegassem à costa de Santiago no dia combinado, o que levou ao confronto que os reduziu a 22 pessoas e os forçou a se refugiarem em Sierra Maestra, onde, desde 1955, já vinham ocorrendo lutas por parte de camponeses recém expropriados.

A essa altura, o regime de Batista já enfrentava um grande desgaste junto às massas populares e importantes greves vinham ocorrendo, como a dos bancários, em 1955, e dos trabalhadores do setor açucareiro, em 1956 – as quais tinham tanto pautas econômicas, como também exigiam o fim da ditadura. Esse desgaste aumentou ainda mais com a crescente repressão policial a partir de 1955, o que também levou ao distanciamento dos setores de classe média; por exemplo, as eleições de 3 de novembro de 1958 foram marcadas pela abstinência de mais de 80% da população, mesmo sendo o voto obrigatório. Por volta de 1957-58, até mesmo setores do empresariado cubano e operativos da CIA atuando junto à Embaixada dos EUA estavam contra Batista. Sem essa situação de crise de hegemonia do regime de Batista, os rebeldes do M26J dificilmente teriam conseguido rapidamente passar de uma pequena guerrilha rural a um Exército Rebelde, e teria sido impossível tal exército derrotar os 50 mil de Batista.

Consciente de que a luta militar não bastaria, o M26J nunca deixou de ter uma atuação nas cidades, a qual foi originalmente coordenada por Frank País. Essa atuação urbana envolvia negociações com setores da oposição liberal para uma ação unificada contra o regime, expropriações para abastecer o Exército Rebelde e ações terroristas para desestabilizar o regime. Ela, no entanto, não se limitou à “guerrilha urbana”. Desde cedo, o M26J organizou uma força sindical clandestina, sua *Sección Obrera*, coordenada por País e Antonio Torres (Ñico), que conseguiu presença em quase todas as categorias sindicalizadas, organizando cerca de 15 mil trabalhadores à altura da queda de Batista. A sua atuação era norteada tanto por causas econômicas e pelo fim do regime, como também por oposição à conciliação da direção da *Confederacción de Trabajadores de Cuba* (CTC) com os patrões e a ditadura.

A força da *Sección Obrera* expressou-se com uma reação popular ao assassinato de País, em julho de 1957, o que levou à eclosão de uma greve geral em Santiago contra Batista que durou cinco dias e se alastrou para Oriente, Camaguey e Las Villas. Essa greve contou com a adesão de muitos comerciantes e com alguns casos de fábricas ocupadas por seus trabalhadores. Em abril de 1958, mais uma vez apostando na greve geral como forma de derrubar o regime, o M26J organizou a *Frente Obrera Nacional* junto com outros setores oposicionistas, mas deixou de fora o stalinista *Partido Socialista Popular* (PSP, o “Partido Comunista” cubano), que era a principal força de oposição no movimento sindical. Havia uma enorme desconfiança dos membros do M26J com o PSP, por conta de seu histórico de colaboração com o primeiro governo de Batista, quando controlava a CTC. A greve teve força em Santiago e em outras cidades, mas fracassou a nível nacional. Em função disso, o PSP foi incluído na *Frente*, que se tornou a *Frente Obrera Nacional Unida* (FONU).

Além da greve geral de abril, 1958 fora também um ano de importantes encontros sindicais organizados pelo M26J e por outras forças de oposição nos territórios já libertados pelo Exército Rebelde, como o encontro nacional da *Sección Obrera* e a Primeira Conferência Nacional dos Trabalhadores do Açúcar em Território Livre. Entre esses encontros, vale também destacar o Congresso dos Trabalhadores em Armas, impulsionado pelos setores que compunham a FONU, com 110 delegados eleitos desde a base entre diversas categorias, inclusive as mais estratégicas, como a dos trabalhadores agrícolas e industriais dos setores açucareiro, e trabalhadores dos setores ferroviário, portuário, eletricitário, mineiro, da construção civil etc.

Esse Congresso dos Trabalhadores em Armas teve um papel fundamental em impulsionar a greve geral de 31 de dezembro – 1º de janeiro de 1959, a qual assegurou que as forças armadas não estabelecessem um regime de continuidade após a fuga

IMAGENS: *"Enterro" do Diario de La Marina, tomado pelos trabalhadores do jornal, Havana, julho de 1960.*

de Batista. Junto a essa greve, a população em geral foi convocada a tomar as ruas e a ocupar as repartições públicas, quarteis do exército e postos de polícia, o que permitiu que o Exército Rebelde chegasse até a capital. O ódio popular a Batista era tão grande que as suas próprias tropas se recusaram a lutar e desertaram em vários locais, com muitos se juntando ao Exército Rebelde, que cresceu de cerca de 400 soldados no começo de 1958 a algumas dezenas de milhares ao fim do ano. A queda de Batista foi, portanto, fruto de muito mais do que uma mera ação de alguns guerrilheiros, como propaga o discurso oficial.

A dissolução do exército e da polícia é um elemento não apenas clássico de uma revolução proletária, mas um passo crucial para o seu sucesso. A partir do momento em que o braço armado do Estado burguês foi substituído pelo Exército Rebelde e pelas milícias populares a espinha dorsal do Estado burguês foi destruída. Por mais que a oposição liberal tenha dominada o novo governo revolucionário, o poder estava nas mãos do M26J, e este se baseava em uma ampla massa popular, interessada em uma radical reforma agrária no campo e substancial melhoria das condições de trabalho nas fábricas e empresas.

O subsequente cerco econômico imposto pelos EUA à Cuba e a radicalidade dessa massa popular empurram o processo para além dos objetivos iniciais do M26J, de reestabelecer a constituição burguesa de 1940, que precisou se apoiar em tal radicalidade para impedir que a contrarrevolução impulsionada pelo imperialismo triunfasse. Diante da ameaça contrarrevolucionária, que se mostrou com maior força em 1961 na invasão da *Playa Girón*, foi realizada uma ampla depuração do aparelho de Estado (forças armadas, política, magistratura, aparelho administrativo) e foram estatizadas em quantidades cada vez maiores as empresas nativas e estrangeiras que estivessem sabotando o novo governo.

Na luta contra a contrarrevolução, o proletariado teve um papel fundamental ao fazer greves por melhores condições de trabalho e readmissão de colegas demitidos em mobilizações anteriores; ao ocupar as empresas; e ao demandar sua nacionalização sob controle dos comitês de greve; além de tomar as ruas em massivas manifestações. Os pequenos e médios camponeses, em especial os que haviam sido expropriados pelos latifundiários ao longo dos anos 1950, também desempenharam papel importante ao ocuparem terras e imporem uma ampla reforma agrária. Com isso, a ordem burguesa foi destruída em Cuba, e o regime controlado pelo M26J assumiu a defesa da propriedade socializada como forma de sobrevivência. O fato de as demandas democráticas e de libertação nacional só poderem ter sido concretizadas em Cuba através da expropriação dos capitais nativos e imperialistas é uma importante comprovação da Teoria da Revolução Permanente, de Leon Trotski, que já havia sido confirmada na Rússia em 1917, com a Revolução Soviética.

Apesar de ter usado a luta revolucionária do proletariado e dos camponeses ao seu favor, o M26J não estava disposto a deixar que esses setores assumissem o controle do regime. A sua aliança com o PSP, portanto, não apenas visava obter apoio econômico e político da URSS, mas também tinha como objetivo conter e tutelar a ação proletária ao dividir com o PSP o controle da CTC e dos sindicatos. Dessa forma, os comitês de greve e as milícias que surgiram dessa luta foram rapidamente reduzidos a órgãos consultivos, quando não dissolvidos, e a luta autônoma foi desestimulada. Os Comitês de Defesa da Revolução, criados em 1960, ajudaram a canalizar a rebelião plebeia para o controle estatal e a legitimar o novo regime com uma faceta pseudo-democrática, enquanto os setores mais radicais eram perseguidos. A formação das *Organizaciones Revolucionarias Integradas*, em 1961 (predecessora do atual PCC), foi o primeiro passo para bloquear a existência de outras organizações políticas ao impor o atual regime de partido único.

Com isso, os trotskistas cubanos do *Partido Obrero Revolucionario* (POR), por exemplo, por defenderem a expansão internacional da revolução e um regime de democracia proletária baseada em um governo de conselhos de trabalhadores, foram duramente perseguidos e forçados a dissolver a sua organização. Até mesmo o M26J, em especial sua *Sección Obrera*, foi depurado de seus setores mais radicais. Dessa maneira, até hoje a classe trabalhadora cubana está impedida de definir os rumos do país, a despeito das importantes conquistas sociais que obteve, que precisam ser defendidas da restauração capitalista. É elucidativo frisar que o próprio Gueva-

ra acabou por distanciar-se do regime em virtude de seus rumos cada vez mais burocráticos e autoritários, e também devido ao abandono da perspectiva de expansão internacional da revolução.

A partir desses elementos, não é possível afirmar que a Revolução Cubana foi uma "revolução camponesa" e que o protagonismo coube a um pequeno grupo de guerrilheiros. A revolução só triunfou graças à organização de poderosas greves gerais, ocupações de fábrica e da formação de um Exército Rebelde de bases populares. É impossível, assim, apagar a importância da classe trabalhadora em ter moldado de forma decisiva essa revolução. O discurso ainda predominante, de que a classe trabalhadora não teve papel na Revolução Cubana, ou que esse papel foi secundário, serve apenas aos propósitos da camarilha burocrática que se mantém no poder, que se aproveita de inúmeros privilégios e que impede o autogoverno dos trabalhadores. Não existe "socialismo em uma só ilha". A efetiva transição de Cuba ao socialismo só será possível com a eclosão de novas revoluções proletárias ao redor do mundo e com a tomada do poder por conselhos de trabalhadores; caso contrário, a burocracia castrista irá pavimentar o caminho para a restauração do capitalismo, assim como ocorreu na URSS entre 1989 e 1991, de modo a levar milhões de trabalhadores à fome e miséria. Viva a revolução cubana e a classe trabalhadora! Socialismo ou barbárie! ☭

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Robert J. *A History of Organized Labor in Cuba*. Westport: Praeger, 2002.

CUSHION, Steve. *A Hidden History of the Cuban Revolution. How the Working Class Shaped the Guerilla's Victory*. New York: Monthly Review, 2016.

JUST, Stéphane. *A revolução proletária e os Estados operários burocráticos*. São Paulo: Palavra Editora, 1980.

LISTER, John. *Cuba. Radical Face of Stalinism*. London: Left View Books, 1985.

MONTEIRO, Marcio Lauria. *As revoluções sociais do pós-guerra: algumas reflexões sobre suas dinâmicas, sujeitos políticos e sociais*. Trabalho de conclusão de curso (especialização em História das Revoluções e Movimentos Sociais). Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-graduação em História. Maringá, 2017.

PÉREZ-STABLE, Marifeli. *The Cuban Revolution. Origins, Course, and Legacy.* New York, Oxford: Oxford UniversityPress, 1999.

WINOCUR, Marcos. *Historia social de la Revolución Cubana (1952-1959). Las clases olvidadas en el análisis histórico*. Ciudad de Mexico: UNAM, 1989.